

FÉ E FILOSOFIA: SOBRE O VALOR DA FILOSOFIA PARA A FÉ

Jaderson Borges Lessa

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Mestre em Filosofia pela PUCRS. E-mail: jadersonbl@gmail.com.

Resumo: O presente estudo tem como objetivo oferecer algumas considerações sobre a fé e a filosofia. Destaca-se a Encíclica Aeterni Patris do Papa Leão XIII, resgatando alguns aspectos importantes, de modo especial, o seu reconhecimento ao que diz respeito sobre o valor da filosofia para a fé. Historicamente, a relação entre fé e filosofia nunca foi simples, mas, apesar das dificuldades, o encontro entre a fé e a filosofia produziu bons frutos para ambas. Desse modo, apesar das dificuldades da fé em encontrar o seu espaço no pensamento filosófico contemporâneo, quando a filosofia não parece mais se preocupar com a fé, esta não deveria recusar ou abandonar a filosofia, mas sim resgatar o auxílio valioso da filosofia para a fé e, assim, mostrar como a fé também pode ser um auxílio para a filosofia nos dias atuais.

Palavras-chave: Fé. Filosofia. Aeterni Patris.

Abstract: The present study aims to offer aims to offer some considerations about faith and philosophy. Highlights the Encyclical Aeterni Patris of Pope Leo XIII, rescuing some important aspects, especially, its recognition to the respect of the value of philosophy for faith. Historically, the relation between faith and philosophy never was simple, but, despite the difficulties, the encounter between faith and philosophy has produced good results on both. Therefore, despite the difficulties of faith in finding their place in contemporary philosophical thought, when philosophy does not seem to worry about the faith, this should not reject or abandon the philosophy, but rescue the invaluable help of philosophy to faith and, so, show how to faith can also be an aid to the philosophy in the present day.

Keywords: Faith. Philosophy. Aeterni Patris.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo ofrecer algunas consideraciones sobre la fe y la filosofía. Se destaca la Encíclica Aeterni Patris del Papa León XIII, rescatando algunos aspectos importantes, de modo especial, su reconocimiento a lo que se dice con respecto al valor de la filosofía para la fe. Históricamente, la relación entre fe y filosofía nunca fue simple, pero, a pesar de las dificultades, el encuentro entre la fe y la filosofía produjo buenos frutos para ambas. De este modo, a pesar de las dificultades de la fe en encontrar su espacio en el pensamiento filosófico contemporáneo, cuando la filosofía no parece preocuparse más con la fe, ésta no debería rechazar o abandonar la filosofía, y rescatar sí el valioso auxilio de la filosofía para la fe y, así, mostrar como la fe también puede ser un auxilio para la filosofía en los días actuales.

Palabras clave: Fe. Filosofía. Aeterni Patris.

Sommario: Il presente studio ha l'intenzione di offrire alcune riflessioni sulla fede e la filosofia. Si sottolinea l'Enciclica Aeterni Patris di Leone XIII, esaltando alcuni aspetti importanti, tra i quali il riconoscimento del valore della filosofia per la fede. Osservando la storia si nota che il rapporto tra fede e filosofia non è mai stato facile. Nonostante le problematiche, però, il loro incontro ha sempre dato buoni risultati per entrambi. Per questo motivo, malgrado le difficoltà nel trovare spazio nel pensiero filosofico contemporaneo, la fede non deve abbandonare la filosofia, ma al contrario, recuperare il suo prezioso ausilio. Così facendo la fede può anche dimostrare come possa essere di aiuto alla filosofia nei giorni nostri.

Parole chiave: Fede. Filosofia. Aeterni Patris.

Résumé: La présente étude vise à proposer quelques réflexions sur la foi et la philosophie. Est en évidence l'Aeterni Encyclique du pape Léon XIII Patris, sauvant certains aspects importants - en particulier, sa reconnaissance sur la valeur de la philosophie pour la foi. Historiquement, la relation entre la foi et la philosophie n'a jamais été simple, mais, malgré les difficultés, la rencontre entre la foi et la philosophie a produit de bons résultats pour

les deux. Ainsi, malgré les difficultés de la foi à trouver sa place dans la pensée philosophique contemporaine - où la philosophie ne semble pas se soucier de la foi -, celle-ci ne devrait pas rejeter ou abandonner celle-là, mais sauver son aide précieuse et montrer ainsi, comment aujourd'hui la foi peut aussi être une aide à la philosophie.

Mots-clés: Foi. Philosophie. Aeterni Patris.

INTRODUÇÃO

O dilema em que hoje se encontra a fé cristã tem múltiplas razões. Uma das mais importantes consiste em que a fé se encontra abandonada pela filosofia e com isso, por assim dizer, de repente se vê colocada no vácuo¹.

Refletir sobre a fé e a filosofia nos tempos atuais pode ser uma tarefa difícil e penosa, sobretudo, diante do dilema expresso na epígrafe. Mas não se deve deixar de esforçar-se. Alguns podem acreditar que já não faz nem mesmo sentido pensar sobre essa questão desde o começo da época Moderna. Que precisamente esse assunto, que ocupou grande parte do pensamento da história da filosofia, se já não está superado, deveria então apenas ficar restrito a algumas elucubrações sobre a Antiguidade e a Idade Média e não se fazer presente. É verdade que, ao longo do tempo, houve uma ruptura na relação entre a fé e a razão, sobretudo, desde a modernidade, com alguns aspectos bem marcantes, tais como: a virada cartesiana, a negação dos empiristas, as exigências kantianas e a razão científica e instrumental. Nesse sentido, desde a crítica de Kant (e de seus seguidores) à metafísica tradicional, da sua distinção entre o *noumenon* e o *phenomenon*, refletir sobre fé e filosofia não apenas parece não ter mais sentido, mas assemelha-se a uma relação rompida que não pode ser reatada, pois é inacessível. Descartada a metafísica, afirmando que a possibilidade do único conhecimento

¹ RATZINGER, *Fé e Futuro*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 41.

racional consiste na ciência, e ao sujeito, não sendo possível atingir a instância do numênico onde está Deus ou a Realidade última, a questão da fé também foi afetada, uma vez que aquele que é objeto de fé não está acessível².

Mas nem sempre foi assim. Nem sempre a fé foi colocada em um vazio, como reflete Joseph Ratzinger na epígrafe deste texto. Desde as origens do Cristianismo e até os dias de hoje, diversos santos autores perceberam a complementação mútua entre o racional e os artigos de fé. A começar por Pedro: "Santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança"³, passando pela Patrística e seu legado à Escolástica, desde Agostinho com o seu *credo ut intelligam, intelligo ut credam*, e Anselmo com o *fides quaerens intellectum* culminando com Tomás de Aquino tratando sobre o conhecimento natural e o conhecimento por revelação, a relação de natureza e graça, entre outros⁴. Comumente se diz que a reação da Igreja à ruptura da modernidade veio através do Concílio Vaticano I que, com a Constituição *Dei Filius*, destacou que nem o racionalismo nem o fideísmo devem ser considerados isoladamente, pois são duas ordens de conhecimento mutuamente abertas. Já no século XX, a Encíclica de João Paulo II tratou do tema, que nunca deixaria de causar polêmica e continuaria a ser percebida como perigosa fecundidade a relação entre fé e razão ao invés de reconhecê-las "[...] como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade."⁵.

² Este parágrafo é apenas uma colocação do problema. Seria necessária uma longa exposição para detalhar o significado e as implicações que esse comentário parece sugerir. Mas esse não é o objetivo do texto no momento. Esse breve comentário não tem a pretensão de resumir essa questão, nem ao que diz respeito à fé e à filosofia, nem mesmo ao que diz respeito à teoria de Kant. Apenas tem a intenção de elucidar a dificuldade de refletir sobre essas questões no mundo hodierno. No entanto, ainda que seja uma brevíssima descrição sob o risco de uma simplificação, não se deve entender como uma descrição superficial, ao menos não deveria, não do modo como entendo.

³ Cf. 1Pd 3, 15.

⁴ Cf., sobre essas questões, por exemplo, ZILLES, 1993; 1997; 2009. E ainda CORETH, 2009. E também, para um aprofundamento das questões, conferir as obras dos Santos indicadas nas referências.

⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, p. 6.

Não obstante, esse texto procura refletir sobre a fé a filosofia tendo essas questões apenas como pano de fundo⁶. Essa contribuição tem um objetivo muito mais modesto. Trata-se simplesmente de uma tentativa de resgatar alguns aspectos importantes desse tema à luz do documento pontifício *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII. Naturalmente, não se pretende dizer que aquele documento centenário pode dar conta inteiramente de todas as razões do dilema da fé nos dias hoje, tão pouco se pretende apresentar uma solução definitiva para o assunto, mas sim mostrar, em linhas gerais, a importância de que a filosofia tem seu valor também para a fé e, assim, nesse sentido, se a filosofia por um lado tem a sua parcela de “culpa” naquela ruptura que iniciou com a modernidade, por outro lado, não se pode descartar a possibilidade da filosofia ser também o ponto de “re-ligação” da relação rompida. E, nesse sentido, a fé não pode – ou ao menos não deveria – recusar a filosofia.

UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS ENCONTROS ENTRE A FÉ A FILOSOFIA

Na Epístola aos Colossenses encontramos a única referência a palavra filosofia em toda a Sagrada Escritura. Segundo alguns estudiosos o teor aparentemente negativo da citação evidencia uma relação de ruptura entre a filosofia e a religião. Mas essa interpretação pode ser muito rigorosa pois, por outro lado, se observarmos com mais cuidado, perceberemos que não há sequer uma referência à palavra teologia e nem por isso conclui-se em um afastamento entre

⁶ Levar em consideração todas as complexas questões da colocação desse problema iria muito além de minha pretensão. E, naturalmente, não busquei fazer aqui uma filosofia da religião, um estudo dos fenômenos religiosos. Os filósofos da religião procuram respostas racionais para perguntas sobre se um ser pessoal, desencarnado, eterno, livre, onipotente, onisciente e criador do universo existe ou se a concepção do objeto da atividade religiosa é coerente. Também não procurei escrever acerca da teologia fundamental, isto é, se Deus pode ser objeto de investigação, ou se a teologia tem objeto. Não tratei de buscar sentido e coerência racional a partir da fé. Ainda que por ventura aconteça, será mais para contextualizar historicamente algum acontecimento do que uma investigação para tratar estritamente da relação entre filosofia e teologia.

teologia e religião. Historicamente tanto a palavra como o conceito teologia surge na reflexão filosófica dos gregos⁷ para tratar o saber sobre Deus, o princípio último de todas as coisas, identificada com a proclamação do culto aos deuses na tradição pagã e não na tradição judaica. Somente mais tarde os cristãos se apropriaram do termo com Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio de Cesaréia, entre outros. A partir de então a palavra foi entendida como a exposição metódica e estruturada da Revelação. Uma recepção mais ampla do termo no Cristianismo ocorreu somente a partir dos séculos IV e V e no Oriente. No Ocidente, Santo Agostinho parecia preferir utilizar a expressão *doctrina christiana* e Tomás de Aquino a interpreta como ciência de Deus⁸.

Mas agora volta-se novamente o olhar para a Carta aos Colossenses. O capítulo 2 adverte contra os erros nos quais se pode incorrer. No versículo oito encontramos a alusão à filosofia: "Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da 'filosofia', segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo"⁹. Ora, uma compreensão a partir de alguma "hermenêutica da descontinuidade e da ruptura"¹⁰ poderia interpretar essa referência como uma evidência da relação contrária entre a fé e a filosofia, a qual possibilita um rompimento. Naturalmente há uma cautela na recomendação, pois o encontro do Cristianismo com a filosofia nunca foi fácil. Porém, não significa que os primeiros cristãos não se esforçassem para compreender melhor,

⁷ Aparece pela primeira vez em Platão, *República*, 379a, com a finalidade de estabelecer uma explicação apropriada à juventude dos mitos e histórias dos deuses. De certa forma, Platão define o trabalho filosófico como apto em apontar os critérios para um adequado discurso sobre o divino e em purificar a consciência religiosa através de uma reflexão crítico-objetiva. Aristóteles fala da teologia como "ciência dos princípios", dos fundamentos, ao constituir o auge da reflexão acerca do Primeiro Motor, na *Metafísica*, XII 6-10. Assim, nota-se, pois, também em Aristóteles, o esforço, rigoroso e racional, para conhecer a Deus.

⁸ Sobre esse assunto o Papa João Paulo II tratou especificamente no capítulo IV de sua Encíclica *Fides et Ratio*. Além desse capítulo pode ser interessante conferir as obras por ele ali indicadas.

⁹ Cl 2, 8.

¹⁰ Naturalmente essa alusão refere-se ao Papa Emérito Bento XVI, mas não se trata de uma aplicação direta do sentido usado para tratar da possibilidade de uma ruptura entre Igreja pré-conciliar e a Igreja pós-conciliar. O uso da expressão aqui tem um sentido mais retórico e, nesse sentido, diferente do utilizado por ele.

à luz da razão, os mistérios revelados e sua consequência para a existência humana¹¹.

Uma interpretação muito plausível é a de que esses erros que Paulo combate em Colossas seria algumas ideias comuns entre os essênios judeus, ou seja, especulações judaicas primeiramente, sobre os poderes celestes ou cósmicos, e que os colossenses tendiam a exagerar demasiadamente sua importância a ponto de comprometer a supremacia de Cristo. Tanto é assim que, no versículo seguinte, o Apóstolo irá advertir, dizendo que é em Cristo que “habita corporalmente toda a plenitude da divindade”¹². Ou seja, no Cristo ressuscitado se reúne todo o mundo divino e todo o mundo criado. Isso significa que – quando o Apóstolo adverte contra os erros e afirma que é em Cristo que habita a plenitude da divindade – ele quer afirmar que a Encarnação de Jesus é essa união da natureza divina e humana, em toda a sua plenitude, ou seja: “Sua humanidade aparece, assim, como o ‘sacramento’, isto é, o sinal e o instrumento de sua divindade e da salvação que ele traz [...]”¹³ e, nesse sentido, não ficando inacessível àquele mundo divino, por sua humanidade. Mas, parece que também assim, ao afirmar àquela união em Cristo, Paulo adverte dos erros cometidos.

Deve-se observar ainda outra palavra no versículo oito, e que nos ajuda a compreender melhor a situação, pois o objetivo da advertência do Apóstolo pode ser também para que ninguém se torne escravo. O cristão, uma vez liberto do império das trevas por Jesus, a “luz do mundo”¹⁴, e que volta aos erros antigos, recai na escravidão. Dito assim é inevitável não recordar daquele prisioneiro que se liberta da escuridão da caverna e caminha para a luz¹⁵. Ora,

¹¹ A meu ver, obviamente, a missão mais urgente era o anúncio do Senhor ressuscitado: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo [...]” (Mc 16,15). Não significa, no entanto, que não se pode recorrer à luz da razão.

¹² Cf. Cl 2, 9.

¹³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 483. Sobre isso, cf. também n. 456-483.

¹⁴ Cf. Jo 8, 12.

¹⁵ Naturalmente, essa frase não se trata de uma comparação restrita, e sim de um simbolismo. Cf. PLATÃO, *República*, L, VII.

para os cristãos a liberdade “[...] é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar atos deliberados”¹⁶. Sendo assim, o ser humano tem a possibilidade de escolher entre o bem e o mal enquanto ainda não aderiu definitivamente ao bem maior, está na condição de poder voltar às correntes que o prende.

Pode ser útil ainda lembrar outro momento importante em que foi testemunhado na história bíblica. No Atos dos Apóstolos, Paulo encontra-se em Atenas, centro espiritual do helenismo gentio¹⁷, e alguns filósofos das principais escolas filosóficas da época, isto é, epicureus e estoicos, o abordavam. Interessante notar como diziam acerca de Paulo, que ele parecia um pregador de divindades estrangeiras¹⁸, o mesmo termo de acusação dirigida contra Sócrates. O texto do Atos nos diz que o conduziram ao Areópago. Paulo inicia o seu discurso através de uma exposição da circunstância religiosa local para então desenvolver o anúncio do verdadeiro Deus. Isso porque “[...] os primeiros cristãos, para se fazerem compreender pelos pagãos, não podiam citar apenas ‘Moisés e os profetas’ nos seus discursos [...]”¹⁹. O Apóstolo, de certa forma, liga o seu discurso ao pensamento dos filósofos, ainda que com uma diferença salutar, pois, os discursos da sabedoria humana suscitam nos ouvintes uma adesão meramente humana, enquanto que as palavras de Paulo não tinham muito de persuasiva para a sabedoria dos homens, e pedia outra adesão: a do Espírito. Mas para poder fazer isso de uma forma edificante, ele precisava conhecer os gentios e sua religião. Faz alusão aos monumentos sagrados, ao “Deus desconhecido”, aos poetas e sábios pagãos, faz citação dos *Fenômenos* de Arauto, poeta originário da Cilícia, também exprimida nos mesmos termos pelo

¹⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1731.

¹⁷ Helenismo é o conjunto das ideias e costumes da Grécia Antiga. Na época de Cristo, o helenismo representava a universalidade, pois a língua grega se apresentava como língua universal, e a cultura grega penetrava em todos os ambientes. Gentio é aquele que professa o paganismo.

¹⁸ Cf. At 17, 18.

¹⁹ JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, p. 43.

estoico Ceanto no *Hino a Zeus*²⁰. É verdade que a pregação de Paulo ornamentada pela sabedoria grega foi quase um fracasso, contudo, não é possível inferir que tenha sido causada pela aproximação da religião com a filosofia, pois o discurso do Apóstolo somente começa a declinar ao falar da ressurreição dos mortos, em vista de que no mundo grego, a doutrina da ressurreição superou com muita dificuldade e precaução. Em Atenas contentaram-se em rir-se dela, pois os gregos a consideravam como concepção grosseira, mas os membros do Sinédrio de Jerusalém a condenavam e perseguiam. Evidentemente, Paulo corrigiu esse erro partindo da afirmação fundamental da pregação evangélica: o Mistério Pascal de Cristo.

Seja como for, o Papa João Paulo II também em sua Encíclica também faz recordar Clemente de Alexandria, que chamava o Evangelho de “a verdadeira filosofia”, bem como São Justino que tinha grande apreço pela filosofia grega, mas afirmava o cristianismo como “a única filosofia segura e vantajosa”; e combatendo os ataques injustos do filósofo Celso, o pensador cristão Orígenes recorria à filosofia de Platão e também, mais tarde, o pensamento platônico é assumido e “cristianizado”, sobretudo, por Agostinho, que elabora a primeira síntese do pensamento filosófico e teológico dizendo que crer é pensar aceitando e que a fé precisa ser pensada, e se não for, nada é. Naturalmente, os Padres do Oriente e do Ocidente reconheciam os elementos comuns, mas também as diferenças, de modo que sempre houve reservas nesse encontro entre a fé e a filosofia, como por exemplo, com Santo Irineu e Tertuliano, evidenciado na pergunta deste último sobre o que teria em comum entre Jerusalém e Atenas²¹.

Não se poderia deixar de mencionar na história desse breve olhar sobre desenvolvimento do encontro entre a fé e a filosofia, a doutrina de Santo Tomás de Aquino, cujo uma grande importância foi colocar em primeiro lugar a harmonia que existe entre a fé e

²⁰ Sobre isso, cf. JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, capítulos III e IV. Muito interessante também cf. entre RATZINGER e d'ARCAIS, 2009.

²¹ Sobre essas questões, remeto ao leitor, novamente, ao capítulo IV de *Fides et Ratio*.

a razão²². Evidentemente, daquele tempo até hoje os conceitos mudaram e o que divergiam também, porém, nesse mundo demasiadamente fragmentado, parece ser oportuna nova reflexão sobre a aproximação, pois ambas caminham juntas. Conforme Bento XVI, o Doutor Angélico

[...] naquele momento de confrontação entre duas culturas – momento em que parecia que a fé teria que render-se à razão -, mostrou que ambas caminham juntas; que, quando a razão parecia incompatível com a fé, não era razão, e quando a fé parecia opor-se à verdadeira racionalidade, não era fé; assim, criou uma nova síntese, que formou a cultura dos séculos seguintes²³.

Não obstante, o Magistério nunca propôs uma filosofia própria, pois não é sua função, embora tenha de reagir a discursos filosóficos falsos que enganam a compreensão dos fiéis, como fez historicamente quando doutrinas filosóficas eram incompatíveis com a fé cristã, tais como algumas das teorias da preexistência das almas, o esoterismo supersticioso, o averroísmo latino. No Concílio Vaticano I, no entanto, houve a primeira intervenção solene nessa matéria, concluindo que essas duas formas são diferentes tanto no princípio como no objeto; pois de um lado conhecemos pela razão natural e do outro lado conhecemos pela fé. Quanto ao objeto, são distintas porque à fé são propostos inúmeros mistérios escondidos, que vão além do conhecimento natural da razão, mistérios que podemos compreender (ao menos de alguma forma) pela Revelação²⁴.

22 A verdade é que tanto a razão como a fé são duas formas de conhecimento diferentes entre si, mas isso não significa que sejam opostas, nem mesmo que se substituem. Pelo contrário, uma verdadeira razão e uma verdadeira fé completam-se, harmonizam-se. Na Encíclica do Papa João Paulo II sobre as relações entre fé e razão em seu primeiro parágrafo diz: "A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade" (João Paulo II, Carta Enc. *Fides et ratio*). Tradicionalmente fé e razão são duas formas de conhecer a verdade. O Magistério doutrinal da Igreja sempre teve isso muito claro.

23 BENTO XVI. Audiência Geral. Quarta-feira 02/06/2010.

24 Cf. CONCÍLIO VATICANO I. *Dei Filius*, IV: in: DS 3017.

Em 1879, o Papa Leão XIII escreveu a *Aeterni Patris*, sobre a Filosofia Cristã na qual diz que “[...] a filosofia tem a virtude de abrir e de aplanar de alguma sorte o caminho que leva à fé verdadeira, dispondo, de modo conveniente, a mente de seus discípulos a aceitar a revelação”²⁵. Também o Magistério alertou sobre as linhas fenomenista, agnóstica, imanentista, filosofia marxista e teses e metodologias oriundas desta como a teologia da libertação, além do comunismo ateu, interpretações errôneas sobre o evolucionismo, existencialismo e historicismo²⁶.

O Papa João Paulo II, por sua vez, diz que a Igreja “[...] considera a filosofia uma ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e de comunicar a verdade do Evangelho a quantos não a conhecem ainda.”²⁷. Pois a fé busca compreensão, isto é, busca a si mesma compreender. A fé também busca suas razões, aliás, aquele que crê deve estar sempre pronto a dar razão da sua esperança²⁸. Percebe-se, assim, a importância e a complementaridade de uma e outra, uma vez que a filosofia ajuda a compreensão da fé, ao passo em que fica limitada quando não está unida às verdades da fé. Dessa forma, se ajudam mutuamente²⁹.

Naturalmente, em relação à filosofia moderna, marcada pelo imediatismo, relativismo e a fragmentação, há de se dizer que a razão curvou-se sobre si mesma, e isso a tornou incapaz de contemplar a verdade do ser. É interessante notar que a razão, ou melhor, o

²⁵ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 6.

²⁶ Demasiado cansativo seria detalhar aqui cada uma dessas intervenções. Mas o leitor poderá se aprofundar no assunto com a Constituição Dogmática sobre a fé católica *Dei Filius*, IV: in: DS 3017. Também na Carta Encíclica *Pascendi dominici gregis*, do Papa Pio X. Bem como na Carta Encíclica *Divini Redemptoris*, do Papa Pio XI. E na Carta Encíclica *Humani generis*, de Pio XII. Instrução sobre alguns aspectos da “teologia da libertação” *Libertatis nuntius* da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, assinada pelo prefeito Joseph Card. Ratzinger.

²⁷ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, p. 10-11

²⁸ Cf. 1Pd 3, 15.

²⁹ Eis assim a grande importância de sempre manter a harmonia ente fé e razão, pois ainda que sejam duas formas distintas, ambas buscam o conhecimento da verdade. “Se o acesso à verdade é um bem que permite chegar a Deus, todos devem estar em condições de percorrer esta estrada. As vias para chegar à verdade continuam a ser muitas; mas, dado que a verdade cristã tem valor salvífico, cada uma delas só pode ser percorrida se conduzir à meta final, ou seja, à revelação de Jesus Cristo.” (JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, p. 45.

“racionalismo” faz o mesmo daquilo que às vezes se acusa a fé, pois acusa a religião de fundamentalismo, ao passo em que pretende ser o único fundamento³⁰.

O anunciado “fim da metafísica” tornou-se uma dificuldade. Isso porque se deixou de compreender o verdadeiro sentido da vida e a busca do fim último que a filosofia originalmente procurava na contemplação da verdade, satisfazendo-se com a mera explanação dos fatos, ou a verificação do saber humano e suas composições. Optou-se desde então por uma certeza subjetiva e uma utilidade prática, ao invés da busca da verdade, alterando assim a própria função da filosofia. E assim surge a pergunta: Mas qual o caminho a seguir diante daquele dilema entre a fé e a filosofia? Pode-se encontrar uma resposta inicial já mesmo na Encíclica de João Paulo II.

*[...] a estrada a seguir é esta: não perder a paixão pela verdade última, nem o anseio pela pesquisa, unidos à audácia de descobrir novos percursos. É a fé que incita a razão a sair de qualquer isolamento e a abraçar de bom grado qualquer risco por tudo o que é belo, bom e verdadeiro. Deste modo, a fé torna-se advogada convicta e convincente da razão.*³¹

Nesse sentido, assim como o problema da relação entre fé e filosofia não é algo novo, mas isso não significa que não tenha peculiaridades novas. Este texto pretende resgatar a partir de agora a possibilidade de um “velho” percurso, mas isso não significa que não possa ajudar na compreensão das questões de hoje.

³⁰ Conforme Susin: É a razão moderna quem rotula a crença religiosa que se bate com ela como ‘fundamentalismo’. [...]. E a missão da razão filosófica e científica seria a de substituir-se à fé religiosa. Contra o dogmatismo da religião se opôs, mais ou menos ferreamente, o dogmatismo científico. A razão iluminista, taxando de fundamentalista o conhecimento religioso, pretendeu ser o único fundamento humanamente válido. (SUSIN, Luiz Carlos. *Fé e Razão: Tertium non datur?* Porto Alegre, 2000. Disponível em <http://www.lcsusin.com/apoio.asp>: Acesso em: 25/05/2010).

³¹ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, p. 65.

UM VALIOSO AUXÍLIO DA FILOSOFIA PARA A FÉ

A Encíclica de Leão XIII tinha um objetivo muito claro: ajudar e promover a restauração da filosofia cristã frente às tendências modernas da filosofia, sobretudo, esclarecendo os papéis da fé e da filosofia. A relação entre fé e filosofia naquela Encíclica pode ser feita em dois momentos: uma em como a filosofia ajuda a fé e, outra, em como a fé a ajuda a filosofia. Não obstante, esse texto procura chamar a atenção para o primeiro momento.

Mas de que maneira poderia a filosofia ajudar a fé? E hoje em dia quando já não há uma filosofia, mas somente filosofias, como poderia ajudar a fé? Sobre isso Joseph Ratzinger, por exemplo, diz que:

Já não há uma filosofia, mas apenas filosofias. Assim a aceitação de uma filosofia não é mais assentimento à posse geral do espírito humano, mas já uma decisão que pode ser fundamentada, é uma tomada de partido diante de outras posições que podem ser igualmente fundamentadas. Portanto a fé já não encontra espaço no pensamento humano onde possa ancorar com inteira segurança e se tentar fazê-lo será quase vão seu esforço³².

Como já dito antes, muitas vezes o Magistério da Igreja se manifestou em matéria de filosofia, além disso, na Encíclica *Fides et Ratio*, o Papa João Paulo II dedica todo o capítulo V a essas intervenções. Não desejo, contudo, aqui deter a reflexão aos pormenores dessa questão, mas fixar a atenção unicamente à Carta de Leão XIII que, muitas vezes atualmente, quando se trata desse assunto, parece ficar quase esquecida e, no entanto, como bem ressaltou o Papa João Paulo II, a *Aeterni Patris* foi um passo verdadeiramente histórico na vida da Igreja, sendo o único documento pontifício dedicado até então inteiramente a filosofia³³.

³² RATZINGER, Joseph. *Fé e Futuro*, p. 42.

³³ Parece-me óbvio que uma Encíclica nunca substitui outra. De modo que não seja possível dizer que a *Aeterni Patris* esteja ultrapassada, por exemplo, em vista da *Fides et ratio*. Além do mais, a rigor, o objeto central de ambas são diferentes, enquanto a primeira trata sobre a Filosofia Cristã, a segunda versa sobre as relações entre Fé e Razão.

Com efeito, já nos primeiros parágrafos, o Papa Leão XIII trata da influência prejudicial da filosofia em sua época, e obviamente está situada dentro de um contexto histórico, mas isso não significa que não seja possível valer-se de alguns pontos para a reflexão no dia de hoje. O Santo Padre evidencia que se observarmos atentamente a malícia do tempo no qual vivemos, sem obstáculo descobriremos que a causa dos males que nos afligem e ameaçam consiste em que opiniões errôneas sobre as coisas divinas e humanas foram aos poucos sendo sugeridas pelas escolas dos filósofos³⁴. Usualmente se diz que uma mentira dita mil vezes torna-se verdade. Isso não acontece somente em pequenas coisas do dia-a-dia, mas também nas grades coisas que envolvem a sociedade³⁵. Assim, o Papa Leão XIII tem a coragem de deixar claro que os acontecimentos causadores do esmorecimento do espírito acabam por arrastar de modo muito fácil ao esmorecimento da verdade, ou seja, a calúnia das opiniões, que tem sua sede na inteligência, implica nas ações humanas e as corrompe³⁶.

Após uma breve reflexão sobre a influência prejudicial da filosofia na sua época, a partir do quarto parágrafo, o Papa Leão XIII começa a esclarecer como nessa relação entre filosofia e fé, a filosofia pode ajudar a fé, complementar a verdadeira fé, e fortalecer o caminho para a fé.

Naturalmente, o cristão, para se livrar das trevas do erro, conta sempre e antes de tudo com o Auxílio Divino, mas não pode negligenciar o socorro natural da própria filosofia. De fato:

Não foi em vão que Deus fez luzir no espírito humano a luz da razão; e nem de longe sucede que a luz acrescentada da fé extinga ou amortença o vigor da inteligência; pelo contrário, aperfeiçoa-a, e, aumentando-lhe as forças, torna-a apta as mais altas especulações³⁷.

³⁴ Cf. LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 4.

³⁵ Ao longo da história da humanidade, muitas ideias nocivas foram implantadas nas sociedades, algumas por filósofos sem comprometimento com o próprio ser humano, pois não tinham o objetivo de ajudá-lo a responder as perguntas mais profundas sobre a sua existência. Algumas dessas ideias, além de impedirem o ser humano a contemplar a luz da verdade, o acostumou a viver na escuridão de falsas opiniões, como aqueles prisioneiros que viviam na caverna. Infelizmente, isso não deixa de acontecer nos dias em que a verdade e imagem errada então sempre misturadas e de um jeito quase inseparável.

³⁶ Cf. LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, n. 3

³⁷ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 5

O Pontífice escreve ainda que a filosofia – no sentido que era entendida pelos sábios, isto é, de um modo geral, um tipo de saber com o qual se tenta dar resposta às questões mais relevantes da vida – “[...] tem a virtude de abrir e de aplanar de alguma sorte o caminho que leva à fé verdadeira, dispondo, de modo conveniente, a mente de seus discípulos a aceitar a revelação [...]”.³⁸

Nesse sentido, a filosofia tem um valor muito especial para a Revelação. Naturalmente, Deus pode ser conhecido a partir de suas obras, pela luz natural da razão humana. Essa é uma ordem de conhecimento ensinada e defendida pela Igreja, pois toda a criação é um caminho natural até Deus. Mas, efetivamente, existe outra na qual o ser humano não atinge por si mesmo, pois o próprio Deus, livremente, quis se revelar ao homem. A Revelação é a comunicação necessária e certa de Deus sobre essas realidades fundamentais ao sentido da vida humana racional. Quando o crente aceita a Revelação, a razão reflete sobre tal dado e faz compreender melhor a sua luz. A fé ilumina e completa o conhecimento do real, uma vez que a fé recebe dados que não são acessíveis apenas pelos instrumentos da razão. Nesse sentido, se diz comumente que a fé está acima da razão, porém a fé verdadeira não se opõe a razão, não é irracional, mas uma ordem de conhecimento distinta. Isso porque a fé conta com a ajuda da graça, está fundamentada no testemunho de Deus, pertencendo a uma ordem de conhecimento diversa do conhecimento filosófico.³⁹ Naturalmente,

*[...] Deus nos manifestou pela luz da fé não somente aquelas verdades que a inteligência humana não pode atingir por si mesma, como também muitas outras que absolutamente não são inacessíveis à razão, a fim de que, confirmadas pela autoridade divina, possam, sem misto algum de erro ser conhecidas por todos*⁴⁰.

³⁸ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 6.

³⁹ Sobre isso, cf. JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, n. 9.

⁴⁰ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 6.

Além disso, o mesmo Deus que infundiu a fé dotou o espírito humano da luz da razão, e uma verdade não pode contradizer outra verdade, Deus não pode negar-se a si mesmo⁴¹. Apenas difere a afirmação de Deus pela razão, ou seja, auxiliada pela luz natural da razão, difere da afirmação de Deus pela fé, ou seja, auxiliada pela Graça Divina, e, desse modo, não há um Deus para a fé e outro para a razão pois, como dito acima, o mesmo Deus beneficiou o ser humano com a fé e com a razão. Nesse sentido, pode-se até mesmo dizer, mas com ressalva e precaução, que o Deus da filosofia pode nos conduzir ao Deus da Revelação, isto é, no sentido de que como disse o Papa Leão XIII, de que a filosofia, quando verdadeiramente útil a teologia, conduz à Revelação. O Deus dos filósofos Agostinho e Tomás de Aquino, por exemplo, é o Deus da filosofia, mas é inegável que seja também o Deus da Revelação.

Obviamente a fé cristã vai além daquilo que a razão é capaz de reconhecer, mas num certo sentido Cristo é o *Logos*, isto é, a razão criadora de Deus da qual deriva o mundo e que se reflete na nossa racionalidade⁴². Podemos notar que a filosofia num sentido mais amplo e mais conforme a sua origem, isto é, quando pergunta se o homem é capaz de conhecer a verdade, a verdade fundamental sobre si mesmo sobre a sua origem e o seu destino, tem inevitavelmente a ver com a fé. Pois uma característica da fé cristã, e que fez com que o Cristianismo fosse justamente a vitória da inteligência sobre o mundo das religiões, é que afirma dizer a verdade sobre Deus, sobre o homem e o mundo, que tem a pretensão de ser a religião da verdade⁴³. Ora, a questão da verdade é essencial para a fé cristã, por isso, a fé precisa realmente da filosofia.

O uso bem regulado da filosofia não pode ser desprezado para o Papa Leão XIII, pois a razão humana dá uma demonstração da existência de Deus, uma vez que pela beleza e magnificência da

⁴¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO I. *De fide catholica*, cap. 4 in: DENZINGER 1795-1800.

⁴² Cf., por exemplo, RATZINGER, 2011, capítulo I.

⁴³ Cf. RATZINGER e d'ARCAIS, 2009.

criatura, o Criador pode ser visto de maneira inteligível⁴⁴. Esse é, pois, o primeiro fruto da razão humana, que em seguida mostra que Deus reúne todas as perfeições, ou seja, é o ser perfeitíssimo, e raiz de todas as demais perfeições que lhe são atribuídas. Assim, a filosofia faz compreender também que Deus é a própria verdade, e por isso não pode se enganar, nem mesmo ludibriar-nos⁴⁵. E, finalmente, também a razão ratifica que a Igreja, querida por Jesus Cristo, nos proporciona motivo de credibilidade e um testemunho indubitável da sua missão divina⁴⁶.

Mas há ainda outra importância da filosofia. Esta fornece armas contra os inimigos da Igreja.

Às ciências filosóficas pertence, enfim, proteger religiosamente as verdades divinamente reveladas, e resistir à audácia dos que as atacam. [...]. Com efeito, enquanto nas suas lutas contra a religião, os inimigos do nome católico pretendem obter no método filosófico a maioria das armas de que se servem, é igualmente ao arsenal da filosofia que os defensores das ciências divinas pedem a maior parte dos meios de defender os dogmas revelados⁴⁷.

Claro está, e de muitos modos, que a filosofia auxilia a compreensão da fé. Não obstante, se é verdade que a filosofia ajuda a fé, não se pode esquecer que a fé também ajuda a filosofia⁴⁸. E aqui se chega ao segundo momento da relação entre fé e filosofia na Encíclica de Leão XIII. Embora esse texto tenha a pretensão de se ocupar do primeiro momento, não é possível deixar de recordar que,

⁴⁴ Cf. Sb 13, 5.

⁴⁵ Importante recordar da *Meditação* de Descartes, quando trata das coisas que se podem colocar em dúvida, na qual introduz o argumento que estende a dúvida ao valor objetivo das essências matemáticas, refletindo sobre o Deus enganador. Em seguida, também supõe o argumento do Gênio maligno que o engana sistematicamente. Entretanto, é preciso recordar que Descartes é conhecido como o “Pai de Modernidade” e, nesse sentido, contribui para o dilema comentado no início do texto.

⁴⁶ Cf. LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 8-9.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 9-10.

⁴⁸ Embora a reflexão desse outro ponto de vista seja de suma importância, não faz parte da delimitação deste texto. O parágrafo que se segue é apenas uma breve referência ao texto de Leão XIII.

de fato, também a fé vem em socorro da filosofia, isto é, a fé liberta a razão do erro e discerne a falha dos argumentos. Nesse mesmo sentido, por exemplo, o Papa João Paulo II escrevera que a Igreja “[...] considera a filosofia uma ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e de comunicar a verdade do Evangelho a quantos não a conhecem ainda”⁴⁹. Não obstante a ajuda da fé, isso não implica que a fé destrói a razão, apenas mostra que a razão não é totalmente infalível e está sujeita a erros, a contradições, etc. Com efeito, não se pode acusar a fé de ser hostil a razão somente porque, entre tantas causas de ignorância e erro, a luz da fé aponta para a verdade⁵⁰. De qualquer modo, o Papa Leão XIII ressalta que a filosofia separada da fé é imperfeita⁵¹. E traçando uma perspectiva histórica da relação entre fé e filosofia, destaca que muitos Santos, Padres e Doutores da Igreja não recusaram a filosofia porque reconheceram seu valor para a fé e, além disso, também para a Igreja. Sobretudo, tecendo elogios a dois grandes nomes da Patrística e da Escolástica⁵², pois Agostinho e Tomás de Aquino (assim como os outros) não deixaram de recorrer à filosofia.

Aqui se encontra novamente o paradoxo dos dias de hoje. Como a fé pode ajudar a filosofia quando esta parece ter abandonado o conceito de verdade? Ou ao menos ter sido recondicionado? Ou como a fé pode ainda ajudar a filosofia quando esta também vive um dilema que pode ser expressa na epígrafe escolhida para essas reflexões: “O dilema em que hoje se encontra a fé cristã tem múltiplas razões. Uma das mais importantes consiste em que a fé se encontra abandonada pela filosofia e com isso, por assim dizer, de repente se vê colocada

⁴⁹ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, p. 10-11.

⁵⁰ Cf. LEÃO XIII. *Aeterni Patris*, p. 12-13.

⁵¹ *Ibid.*, p. 13.

⁵² Esses dois grandes períodos são de grande importância, sobretudo, para a filosofia cristã. A Patrística foi organizada pelos Padres da Igreja que se ocupavam de elaborar doutrinas sobre as verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias. A Escolástica surgiu de modo a conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega, ou seja, visava a harmonização de duas esferas: a fé e a razão.

no vácuo”⁵³. E, ainda, como pode ser um auxílio quando parece que a própria filosofia renunciou à questão da verdade contentando-se com o factível, com a utilidade, etc.? Como a fé pode ajudar a filosofia quando esta opta – ao menos desde o pretensão fim da metafísica – pela “certeza subjetiva” ao invés da verdade?⁵⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fé e a filosofia estão relacionadas desde o início do Cristianismo. Embora os encontros de uma com a outra nem sempre tenham sido fáceis, de qualquer forma, a Igreja primitiva já fazia sua escolha pela filosofia, desde a origem do Cristianismo e do seu encontro com a filosofia grega. Além disso, diversos santos autores reconheceram a importância de haver uma harmonia natural entre a fé e a filosofia, compreendendo que a filosofia tem seu valor para a fé, mas também que a fé tem seu valor para a filosofia.

A Encíclica *Aeterni Patris* de Leão XIII contribuiu para auxiliar e promover o ressurgimento da filosofia cristã no século XIX e influenciando também importantes autores do século XX. Mesmo assim aquele dilema em que a fé se viu colocada e abandonada pela filosofia desde a modernidade ainda persiste atualmente. Não obstante, também persiste ainda o valor da filosofia para a fé. O valor da filosofia, como auxílio para a fé, reconhecido pelos homens de fé e pela Igreja não pode ser esquecido e nem abandonado. Nesse sentido, é preciso sempre de novo repensar as razões da esperança. Se por um lado a filosofia, ou algumas “filosofias”, podem estar sujeitas à “malícia do tempo”, contribuir com “opiniões errôneas sobre a fé” e até mesmo ser uma “influência prejudicial” como ressaltava o Papa Leão XIII, por outro lado, é preciso sempre lembrar que a filosofia também ajuda a fortalecer a fé, e auxilia na compreensão da fé.

⁵³ RATZINGER, Joseph. *Fé e Futuro*, p. 41.

⁵⁴ Acredito uma das pessoas que melhor percebeu esse paradoxo foi Joseph Ratzinger. Em alguns de seus escritos, o Papa Emérito reflete brilhantemente sobre a questão da fé e da filosofia. Porém não é meu objetivo aqui tratar especificamente sobre essas questões na obra de Ratzinger. De qualquer forma, acredito um dos caminhos para esse caso é o os homens de fé não podem abandonar a filosofia.

E ainda é preciso lembrar que a fé também ajuda a apontar os erros das filosofias.

Sendo assim, quando a fé se vê colocada num vácuo e abandonada pela filosofia, a solução para esse problema não pode ser que a fé, por sua vez, resigne-se com essa situação e abandone ou recuse a filosofia. Essa atitude não iria apenas de encontro à relação histórica entre a fé e a filosofia, que produziu bons frutos para as duas, nem mesmo seria apenas uma solução controversa para o problema. Na realidade, não seria solução nenhuma para o dilema.

Um primeiro passo importante é resgatar (novamente e sempre de novo) o valor da filosofia para a fé, sem que a fé, naturalmente, deixe de permanecer fiel a si mesma diante de filosofias prejudiciais para a fé e, mesmo que isso aconteça, isto é, que a fé possa ser prejudicada, a fé não pode simplesmente recusar e abandonar a filosofia em sua totalidade. Deve, sim, apontar para os enganos e incompreensões sobre suas verdadeiras razões por parte dessas filosofias e, assim, então, mostrar o seu valor para a filosofia. Naturalmente, não é tão simples apresentar uma solução para o problema oferecido pelo dilema que serviu de pano de fundo para esse texto. Mas, como dito inicialmente, não significa que não se deva empenhar-se. De tal modo, cabe aos homens de fé não deixar a fé no vácuo e apropriar-se também da filosofia dos dias atuais. É óbvio que os textos clássicos continuam atuais em certos sentidos, mas precisam responder as questões atuais. Destarte, não basta apenas conhecer e apropriar-se da tradição filosófica, mas também da filosofia contemporânea. Se não para “cristianizá-los” ao menos para lhes apontar os erros. E, também com isso, reconhecer o valor da filosofia, como fizera o Papa Leão XIII, já é dar um primeiro passo, não apenas para a fé encontrar novamente o seu lugar na filosofia, mas também para perguntar sobre a sua racionalidade e razoabilidade reconhecendo sua própria responsabilidade filosófica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. *Contra os Acadêmicos*: diálogo em três livros. Coimbra: Atlântida, 1957.
- _____. *De Magistro*. Porto Alegre: Instituto de Filosofia/UFRGS, 1956.
- _____. *Obras de San Agustin*. 5ª ed. Madrid: BAC, 1968.
- ANSELMO, Santo. *Monólogo*. Obras incompletas. São Paulo: Abril, 1974.
- _____. *Proslógio*. Obras incompletas. São Paulo: Abril, 1974.
- AQUINO, Santo Tomás de. *Compêndio de Teologia*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- _____. *O ente e a essência*: texto latino e português. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- _____. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2001-2002.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Bauru: Edipro, 2006.
- _____. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril, 1973.
- BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral*. Quarta-feira 02/06/2010. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100602_po.html. Acesso: 12/11/2013.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CORETH, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. São Paulo: Loyola, 2009.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DESCARTES, René. *Meditações*. Obras incompletas. São Paulo: Abril, 1973.

DICIONÁRIO de filosofia de Cambridge. São Paulo: Paulus, 2006.

DICIONÁRIO de pensamento contemporâneo. São Paulo: Paulus, 2000.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTO DOS PRIMEIROS OITO CONCÍLIOS ECUMÊNICOS. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GILSON, Etienne. *A Filosofia Na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et Ratio*: as relações entre fé e razão. Porto Alegre: EDIPUCRS, [s.d].

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: FCG, 2001.

_____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2003.

_____. *Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2004.

LEÃO XIII, Papa. *Aeterni Patris*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1956.

PIO X, Papa. *Pascendi dominici gregis*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html. Acessado: 11/11/2013.

PIO XI, Papa. *Divini Redemptoris*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris_po.html. Acessado: 11/11/2013

PIO XII, Papa. *Humani generis*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html. Acessado: 11/11/2013.

PLATÃO. *A República*. 9ª ed. Lisboa: FCG, 2001.

_____. *Diálogos*. Obras incompletas. São Paulo: Abril, 1972.

_____. *Obras Completas*. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1982.

RATZINGER, Joseph. *A União das Nações*. São Paulo: Loyola, 1975.

_____. *Chiesa, Ecumenismo e Política*. Milano: Paoline, 1987.

_____. *Compreender a Igreja Hoje: vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Fé e Futuro*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. São Paulo: Loyola, 2011.

RATZINGER, Joseph; d'ARCAIS, Paolo Flores. *Deus existe?* São Paulo: Planeta, 2009.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Libertatis nuntius*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acessado: 12/11/2013.

SUSIN, Luiz Carlos. *Fé e Razão: Tertium non datur?* Porto Alegre, 2000. Disponível em <http://www.lcsusin.com/apoio.asp>: Acesso em: 25/05/2010.

ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*. Porto Alegre. EST, 2009.

_____. *Fé e Razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

_____. *O problema do conhecimento de Deus*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.